

ESPORTE E DIVERSIDADE: A EXPERIÊNCIA DA GAYMADA EM BOA VISTA - RORAIMA¹

Lucas Alexandre da Silva Nascimento

Mestre em Antropologia Social – Universidade Federal de Roraima/UFRR.

Palavras-chave: Gaymada; Identidade; Espaço.

O esporte se destaca como um fenômeno sociocultural contemporâneo e multifacetado, engendrando uma vasta gama de possibilidades analíticas, assunto muito caro às Ciências Humanas em geral, para Guedes (1998) seu estudo é “relevante para compreender a realidade social vivida no país”.

O termo “Gaymada” foi cunhado com a junção da palavra “gay”, termo proveniente do inglês que quer dizer algo como “feliz/alegre”, alcunha empregada pelos falantes da língua inglesa aos membros da comunidade LGBTQIAPN+, a queimada é o nome dado ao esporte, portanto a junção de “gay” + “queimada” originou a “Gaymada”, que, apesar do nome, inclui outras sexualidades e identidades de gênero.

No presente estudo, busco analisar a prática da queimada pela comunidade LGBTQIAPN+ no município de Boa Vista/Roraima, e as implicações do esporte na vida desses indivíduos, perpassando a relação das pessoas com gênero, sexualidade, identidade, violência, e também a relação desses indivíduos com a cidade e a ocupação dos espaços públicos.

A queimada me foi apresentada desde a infância, sendo um instrumento muito eficiente de socialização entre indivíduos de diferentes segmentos, pois meninos e meninas, de diferentes idades e tamanhos podem jogar com considerável pé de igualdade. É possível conhecer a queimada por diversos nomes, considerando os regionalismos, pode ser identificada como cemitério, mata-mata, queimado, caçador, baleado entre

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

outros. No Maranhão, minha terra natal, fui familiarizado com o termo baleado, já em Roraima, o jogo é mais conhecido como queimada.

A queimada é um jogo cuja essência consiste em acertar a bola, por meio de arremessos, nos jogadores do time adversário até que todos os jogadores “atingidos” se desloquem para o campo destinado a eles. A queimada é praticada de forma não-oficial no Brasil e por isso, as regras não estão unificadas e variam de região para região, não obstante, também podem variar de grupo para grupo dentro de uma mesma cidade ou bairro.

Em Boa Vista, existem diversos grupos que praticam a gaymada, entretanto a pesquisa teve como interlocutores dois grupos, não existe forma específica de distingui-los a não ser pelos locais onde jogam, assim, temos a “Gaymada do Centro - GC” e a “Gaymada do Pintolândia - GP”, suas alcunhas precedem qualquer nome anteriormente direcionado a eles, digo, chamar os grupos pelos locais onde atuam surgiu de maneira espontânea, as nomeações ocorreram de fora pra dentro, “pelos outros”.

A presente pesquisa tem por base o trabalho etnográfico construído pela participação observante realizada antes, durante e após as partidas durante 2022 e 2023, com ambos os grupos e separadamente com aqueles indivíduos que se sentiram confortáveis para tanto. A participação observante tem por propósito inicial a busca pelo estranhamento do que acreditei ser familiar por muito tempo. Conforme Oliven (2007):

Trata-se da aplicação dos métodos e pesquisa etnográfica, originalmente restritos ao estudo das sociedades consideradas simples, ao contexto urbano. Isso coloca um desafio, que é olhar para as sociedades complexas com os olhos de quem quer estranhar o que aparentemente é familiar.

Junto a etnografia realizada com os dois grupos, soma-se aos dados coletados em campo a transcrição de nove entrevistas realizadas com os jogadores, identificados apenas como Interlocutor (a) 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08 e 09. Optei por não utilizar seus nomes em razão de garantir que pudessem se expressar com mais segurança e liberdade, entretanto, para não despersonalizar suas falas, descrevi algumas de suas características que julguei importante para a melhor interpretação de suas falas.

Conhecer quem pratica a modalidade esportiva é importante para que possamos ter uma melhor ideia do porquê a gaymada é única, para tanto, o processo para entender a identidade dos indivíduos que jogam a gaymada terá por base os marcadores sociais de

gênero, sexualidade, idade, classe social, escolaridade, dentre outros. Identificar os jogadores tem especial importância para que a comunidade compreenda a variedade de indivíduos que praticam o esporte. Silva (2014) explica que:

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. (Silva, 2014, p. 74)

Nesse processo de dispersão, em algum momento a queimada foi acolhida como uma modalidade esportiva muito comum entre pessoas da comunidade LGBTQIAPN+. Camargo (2009) propôs a alcunha “*esporte queer*”² para retratá-lo. Dentre as suas contribuições, o pesquisador destaca o avanço para que pesquisas como a que realizo tenham relevância acadêmica:

Dessa forma, estudar competições *queer* hoje só é possível não apenas pela “fenda” aberta nas metanarrativas totalizantes (a exemplo das que postulam o que representaria ser —macho e esportivo em dada modalidade), mas também porque o sujeito LGBT tornou-se ator político e surge uma categoria analítica — o *queer*—uma designação inspiradora, impositora, insubmissa, desafiadora e subversiva. (Camargo, 2009).

Para elucidar os mais recentes posicionamentos dos grupos e os discursos construídos durante os jogos, podemos entender a Gaymada em si e não como um mero esporte, também dando ênfase aos indivíduos que a praticam. Para tanto, Zamboni (2014) explica o seguinte:

Marcadores sociais da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais. (...) Cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nela agrupados. (Zamboni, 2014, p. 13)

Os marcadores sociais de diferença não são naturais, foram criados socialmente e precisam ser observados de acordo com o contexto inerente, seja de tempo, espaço ou outro. Estes marcadores são articulados nas experiências dos indivíduos, em seus

² O *queer* é uma designação subversiva: ao mesmo tempo que engloba todas as categorizações relativas à população LGBT, não nomeia nenhuma delas. Por sua vez, — *esporte queer* — é a manifestação esportiva praticada por indivíduos do segmento anteriormente mencionado e, apesar de paradoxal em relação ao que se chamou *queer*, de forma organizada e sistemática. (Camargo; Rial 2009).

discursos e na política, estando intimamente ligados às relações de Poder e estão sempre em disputa (Zamboni, 2014).

Percebi que ambos os grupos etnografados, apesar de, partindo de uma perspectiva imediata, aparentam ser turmas de pessoas semelhantes (pessoas LGBTQIAPN+) realizando a mesma atividade (Queimada). Ao serem observados de perto, ambos os grupos ostentam grandes diferenças que os caracterizam como o horário em que jogam (a GC joga sempre aos finais de tarde de domingo, já a GP não há dia definido, mas sempre ocorre a noite), a idade (a GP apresenta pessoas com mais idade), dentre outras questões que podem ser percebidas visualmente:

IMAGENS 01 e 02 – Gaymada do Centro (GC) X Gaymada do Pintelândia (GP).



FONTE: Arquivo Pessoal.

A queimada é usada como base para o aprofundamento das questões aqui discutidas, pois o esporte se caracteriza por ser um ambiente bastante sinalizado por marcadores sociais de diferença – onde o gênero e a sexualidade de um indivíduo podem definir seu desempenho e seu êxito no esporte, não à toa, a maior parte dos atletas só “sai do armário” ou assumem sua verdadeira identidade de gênero quando se aposentam de suas modalidades esportivas, por exemplo, temos Richarlyson, Diego Hypolito e Caitlyn Jenner, o que demonstra grande diferença da performatização da sexualidade e gênero no ambiente privado e público. Scott (2014) faz os seguintes questionamentos sobre identidade de gênero e sexualidade:

[...] Se a identidade sexual é estabelecida fisiologicamente, pela operação de cromossomos e hormônios, a orientação sexual era totalmente outra questão. Esta era uma função de escolhas íntimas que podem ser heterossexual, homossexual ou bissexual e tinham a ver com o privado, não com a esfera pública. Mas eram as mulheres e homens mais ou menos mulheres e homens no privado que em público? O que esta distinção entre escolha privada e apresentação pública pode dizer sobre nossa habilidade de especificar os significados de ‘mulheres’ e ‘homens’? (Scott, 2014).

Ao questionar os possíveis significados do que é ser mulher ou homem com base no comportamento público e privado nos faz entender que a construção da sexualidade ou até mesmo de gênero são fatos sociais, ou seja, não surgem inerentes ao ser humano, mas sim são aprendidos ao longo de nossa formação, confrontando teorias naturalistas de que já nascemos predeterminados por motivos “naturalescos” que uma entidade superior predestinou a todas as suas criaturas.

Silva (2014) assevera que identidade e diferença devem ser ativamente produzidas, pois não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas sim do mundo cultural e social, segundo ele: “somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (Silva, 2014, p. 76).

Scott (2014) reconhece que “os significados” que o gênero foi adquirindo no curso de sua adaptação relativamente recente numa referência gramatical a um termo que denota a relação social dos sexos, em vez de (como equivocadamente pensou) tornar-se mais claro ao longo do tempo, gênero se tornou mais impreciso; o lugar de contestação, um conceito disputado na arena da política. Há ainda, com certeza, feministas que usam a palavra, mas agora é um termo de referência que atravessa o espectro político, com efeitos às vezes muito diferentes daqueles que as feministas originalmente intencionaram.

Esse espectro político é apontado por Rubin (1984) como um aspecto historicamente resgatado em períodos de crises, Rubin afirma que no Ocidente, a década de 1880, a década de 1950 e a era contemporânea foram períodos de pânico sexual, períodos nos quais o Estado, as instituições médicas e a mídia popular se mobilizaram para atacar e oprimir aqueles cujos gostos sexuais diferem dos que são aceitos pelo modelo vigente de correção sexual.

O mesmo fenômeno é observado atualmente em todo o país, Boa Vista é a capital de Roraima e representa quase 60% de toda a população do Estado, ou seja, em tese deveria ser uma cidade plural, entretanto ao observarmos as leis e debates mantidos no legislativo, é possível observar uma clara afronta aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, em especial aos direitos das pessoas transexuais com a edição de três leis em específico.

A princípio, a primeira legislação explicitamente contra a comunidade LGBTQIAPN+ na cidade de Boa Vista se deu com a aprovação da Lei N° 2.239 de 14 de

fevereiro de 2022 que proibiu no município de Boa Vista a construção ou adequação de banheiros e espaços unissex em escolas, a segunda é a Lei 2.492/2023 que visa proibir pronomes neutros ou dialeto não-binário no uso e no ensino da língua portuguesa na matriz curricular e didática das escolas públicas e privadas no município.

E mais recentemente, foi aprovada a Lei nº 2.445/2023 que proibiu a participação de pessoas transexuais em qualquer competição no município de Boa Vista desde que não estejam jogando em times de acordo com seu gênero atribuído ao nascimento (*Assigned Gender At Birth - AGAB*), ou seja, homens trans não poderiam jogar em um time de homens cis, mas seria permitido que jogasse em um time de mulheres cis. Conforme a legislação o sexo biológico seria o critério definidor para as categorias "feminino" e "masculino" em competições esportivas na capital Boa Vista. Isso quer dizer que, a partir de agora, está proibida a participação de atletas transexuais em categorias que não correspondam aos seus sexos biológicos. As regras da lei são:

Desclassificação ou multa, além de anulação de premiações para entidades ou equipes que no ato de inscrição em competições esportivas não cumprirem os termos da norma - ainda que os responsáveis pelas equipes comprovem não saber que no ato da inscrição, o atleta omitiu a informação sobre sua transexualidade;

O atleta que omitir a informação sobre sua transexualidade responderá por doping e será banido do esporte. (Boa Vista/RR, 2023).

Interessante observarmos que as legislações acima contrariam a Constituição Federal de 1988, pois ou o município não tem legitimidade para legislar sobre tais temas³, ou tais legislações restringem direitos garantidos pela Constituição como a prática de esporte por pessoas transexuais e também o acesso dessas pessoas à higiene por meio dos banheiros⁴.

³ Competência exclusiva da União para legislar sobre diretrizes e bases da educação, nos termos do art. 22, XXIV, da Constituição Federal.

⁴ Preceitos fundamentais violados por atos do poder público são: (i) o art. 1º, III, da CF, relativamente ao princípio da dignidade da pessoa humana, no que tange ao direito fundamental implícito ao livre desenvolvimento da personalidade, criador do direito da personalidade à identidade pessoal que, por sua vez, abarca o direito fundamental à identidade de gênero (cf. Tribunal Constitucional Alemão e Corte Interamericana de Direitos Humanos); (ii) os arts. 3º, IV, e 5º, XLI, relativamente ao princípios da não-discriminação (art. 3º, IV, da CF) e da punição de discriminações atentatórias a direitos e liberdades fundamentais (art. 5º, XLI, da CF), que proíbem a discriminação por identidade de gênero; (iii) o art. 5º, XLII, da CF/88, regra constitucional da vedação a todas as formas de racismo (art. 5º, XLII, da CF), ante o reconhecimento da homotransfobia como crime de racismo e, portanto, a população LGBTI+1 como grupo racializado (STF, ADO 26 e MI 4733), à luz dos conceitos de raça social e de racismo social previamente afirmados por esta Suprema Corte (HC 82.424/RS, Voto Vencedor do Min. Maurício Corrêa, itens 10, 19 e 38), de sorte a que a transfobia decorrente da negativa do direito ao uso de banheiro de acordo com sua identidade de gênero configura crime de racismo transfóbico.

Rubin (1984) sustenta que se temos que desenvolver uma teoria que explique o surgimento e a orientação do pânico sexual, temos que fundamentar a teoria não apenas no pensamento feminista. Embora o pensamento feminista explique as injustiças de gênero, ele por si só não pode explicar, de forma completa, a opressão das minorias sexuais:

Discussões sobre o comportamento sexual muitas vezes são meios de esquivar-se de preocupações sociais e descarregar as tensões sociais que as acompanham. Assim sendo, a sexualidade devia ser tratada com especial cuidado em tempos de grande stress social. (Rubin, 1984, p. 02).

Para Foucault (2014), a forma tradicional de entender a sexualidade como um desejo natural libidinal de livrar-se das peias sociais é criticada. Na obra, Foucault afirma que os desejos não são entidades biológicas pré-existentes, mas são constituídos no curso de práticas sociais específicas, determinadas historicamente. Ele ressalta mais os aspectos geradores da organização social do sexo que seus elementos repressivos, mostrando que novas sexualidades estão sempre sendo produzidas, o que pode ser ilustrado pelo crescimento da sigla da comunidade LGBTQ+ que vem sendo atualizada constantemente para representar essas novas identidades.

Existem debates importantes acontecendo na política sobre legislações em nível federal com objetivo de atender as necessidades básicas da comunidade LGBTQIAPN+ como cidadãos e sujeitos de direitos e deveres, entretanto, muitas questões esbarram em posturas ditas ignorantes e/ou conservadoras.

Tamanha desigualdade é resultado de uma cultura machista e patriarcal, sendo isso nada mais que o valor predominante da nossa sociedade, que é a norma binária, uma visão dual, temos dois gêneros: o homem e a mulher, logo, não existiria a necessidade de se discutir as questões de gênero e todos aqueles que fugiriam dessa ordem predominante são vistos como desvirtuados ou aberrações, o que acaba gerando violência contra estes diferentes. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS e a Organização Mundial de Saúde - OMS, o gênero se refere às:

Características socialmente construídas de mulheres e homens - como normas, papéis e relações existentes entre eles. As expectativas de gênero variam de uma cultura para outra e podem mudar ao longo do tempo. Também é importante reconhecer identidades que não se encaixam nas categorias binárias de sexo masculino ou feminino. As normas, relações e papéis de gênero também afetam os resultados de saúde de pessoas com identidades transexuais e intersexuais. (OPAS, OMS, 2015.)

Ou seja, gênero seria uma construção cultural e social de como entendemos as características do que é próprio da masculinidade ou da feminilidade, e por ser uma leitura

social, o gênero é mutável de acordo com seu período histórico, uma vez que a percepção dessas características pode ser alterada, enquanto o sexo corresponderia ao domínio anatômico. No entanto, para Butler (2003), tanto o sexo, quanto o gênero são construções sociais, portanto, não seria possível conceber o sexo como natural:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (Butler, 2003, p. 24).

As discussões de gênero têm um papel indispensável no momento de pensarmos sobre direitos sociais, pois até para prever direitos universais, expressões são usadas de maneira explícita para lembrar das diferenças, não como forma de celebrá-las, mas sim de demarcá-las, restringindo e diminuindo certas categorias.

A primeira declaração que buscou garantir direitos universais foi a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, porém, em tom mais contemporâneo, temos e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, da ONU de 1948, onde os direitos sociais foram reconhecidos, junto com os direitos civis e os direitos políticos. Telles (1998) faz a seguinte observação:

Todos esses são considerados direitos que devem caber a todos os indivíduos igualmente, sem distinção de raça, religião, credo político, idade ou sexo. Com variações, esses direitos foram incorporados, no correr deste século, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, nas constituições da maioria dos países, ao menos do mundo ocidental. No Brasil, essa concepção universalista de direitos sociais foi incorporada muito tardiamente, apenas em 1988, na nova Constituição, que é uma referência política importante em nossa história recente, que foi celebrada (e hoje é contestada) como referência fundadora de uma modernidade democrática que prometia enterrar de vez 20 anos de governos militares. (Telles, 1998, p.36)

Silva (2014) atesta que a identidade, tal como a diferença, é uma relação social, ou seja, sua relação linguística e discursiva está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Controlar a discussão e a produção simbólica é uma faceta dessas relações de poder. Ser homem ou ser mulher, ser hétero ou homo não são questões simplesmente definidas, mas sim impostas. E ideias discordantes não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, elas são disputadas.

A Gaymada se caracteriza por sua singularidade justamente por conta de seus participantes, historicamente marginalizados e estigmatizados como escórias da sociedade, chamam atenção ao ocupar espaços públicos destinados aqueles considerados ideais.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (Silva, 2014, p. 83)

De uma forma generalizada podemos concluir do escrito de Silva que a identidade não é uma essência, não é um dado, não é um fato, não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente, homogênea, definitiva, acabada, tampouco idêntica. Ela é uma construção, um feito, um processo de produção, é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente e inacabada. Em resumo, identidade é o que se é!

Perfil dos participantes

Apesar do termo “GAYmada”, os participantes são diversos, tanto em gênero quanto sexualidade. Gays, lésbicas, heterossexuais, bissexuais, pansexuais, pessoas cis gênero, transgênero, todos puderam ser encontrados ao menos uma vez nas partidas que presenciei, o que demonstra o caráter inclusivo do esporte.

No processo de construção etnográfica, entrevistei nove pessoas durante o ano de 2023 no município de Boa Vista, o interlocutor 01 é um homem cisgênero, gay, branco, de vinte e quatro anos, é estudante, está cursando o ensino superior, morador da zona oeste da cidade. É um assíduo frequentador da Gaymada do Centro; O interlocutor 02 é um homem cisgênero, gay, indígena, tem vinte e seis anos, ativista, tem ensino superior completo e mora na zona norte da cidade. É um assíduo frequentador da Gaymada do Centro.

A interlocutora 03 é uma mulher cisgênero, bissexual, parda, conta com vinte e três anos de idade, servidora pública, está cursando o ensino superior, é moradora da zona oeste da cidade. É uma assídua frequentadora da Gaymada do Centro; O interlocutor 04 é um homem cisgênero, bissexual, branco, de vinte e sete anos, com ensino superior completo, administrador, atuando em ONG, morador da zona oeste da cidade. É um assíduo frequentador da Gaymada do Centro.

Todos os quatro interlocutores acima nunca frequentaram a Gaymada do Pintolândia, porém atestaram interesse e curiosidade, pois sabem que as regras são diferentes e o ritmo das partidas é bem mais enérgico. O interlocutor 05 é um homem

cisgênero, gay, preto, tem vinte três anos, finalizou o ensino médio, autônomo, é morador da zona oeste, é um caso à parte, pois frequenta as duas gaymadas.

A interlocutora 06 é uma mulher transgênero, pansexual, indígena, tem vinte e cinco anos de idade, pesquisadora, está cursando o ensino superior, moradora da zona oeste da cidade, frequentou algumas vezes a Gaymada do Pintolândia; A interlocutora 07 é uma mulher cisgênero, heterossexual, parda, tem cinquenta e um anos, tem ensino superior completo e pós-graduação, professora da educação Municipal, moradora da zona oeste, frequentou diversas vezes a Gaymada do Pintolândia.

O interlocutor 08 é um homem cisgênero, gay, pardo, de trinta e sete anos, com ensino superior completo, empresário, morador da zona oeste da cidade. É um assíduo frequentador da Gaymada do Pintolândia, onde joga desde pelo menos seus vinte anos de idade; O interlocutor 09 é um homem cisgênero, gay, pardo, de trinta e seis anos, empresário, com ensino superior completo, morador da zona oeste da cidade. É um assíduo frequentador da Gaymada do Pintolândia, onde joga desde pelo menos seus dezenove anos de idade. Os quatro interlocutores acima, conhecem a Gaymada do Centro, os interlocutores 07, 08 e 09 já assistiram algumas partidas, porém nunca jogaram.

Os perfis acima representam facetas consideráveis das pessoas que podem ser encontradas jogando gaymada em Boa Vista, quando questionei ao interlocutor 01 sobre quem ele encontrava na GC recebi a seguinte resposta:

Olha, se falando no presente, hoje, as pessoas que vão na queimada são muitas, geralmente são homens, gays, novos, são gays novinhas, assim, sabe? 19, 18 (anos), que eu vejo que são as pessoas que agora estão com mais disposição pra ir na gaymada. Sempre tem uma sapatão que vai, mas assim, elas não são maioria, a maioria geralmente são homens gays, algumas pessoas não-binárias, então, sempre apareceram outras identidades e sexualidades ali. Sempre aparecendo pessoas heterossexuais também, amigos, aliados; a gente nunca teve esse tipo de restrição, na minha visão. Mas, a maior parte das pessoas eu vejo que são homens gays e, logo depois, mulheres lésbicas, e aí eu vejo heterossexuais; pessoas trans, não foram muitas pessoas, agora, se eu for lembrar de cabeça, eu só consigo pensar na H***, mas eu sei que já foram mais pessoas trans. Então, eu acho que tem essa representação desigual, sabe? A maior parte são homens gays. Mas, estiveram sempre presentes outras identidades também. Interlocutor 01.

O Interlocutor 02 complementa que o espaço é um local de acolhimento, onde diversos perfis se encontram:

Então, eram pessoas que justamente reconhecem que a LGBTfobia é um problema da sociedade, pessoas heterossexuais, no caso. E que são o S do GLS, os simpatizantes, que geralmente eram convidados pelas próprias pessoas LGBTs, que justamente não querem ir sozinhos, ou é até uma oportunidade de praticar o esporte junto com alguém que você conhece. É uma forma até de manter um estilo de vida mais saudável. Então

não era só exclusivo para pessoas LGBTs, mas que as pessoas LGBTs se sentiam seguras nesse local. E se a pessoa não se sente ameaçada por isso, ou não reproduz nenhum tipo de homofobia ou de opressão, também era muito bem-vindo. Interlocutor 02.

É destacado pelo Interlocutor 04 o aprendizado que ele teve com base nas vivências dos jogadores, onde pode se permitir aprender sobre gírias, músicas e até mesmo manifestações artísticas como a arte *Drag*:

Tinha os nossos amigos também que eles performavam a arte drag e a gente percebia que a vivência deles é diferente do outro, que é diferente da gay que é padrão, é diferente da minha vivência, que sou bissexual. Então a gente conseguia aprender um pouco sobre eles também. Tinha a nossa trans. Tinha uma mulher trans no meio, que eu acredito que, pelo menos no período que eu estive, eu não consegui visualizar outra mulher trans. Teve um homem trans que ficou por pouco tempo lá jogando com a gente, e uma pessoa não-binária, também. Mas assim, era muito interessante a gente ver as vivências, inclusive até onde algumas vivências da mulher trans elas acabavam coincidindo com algumas vivências dos meninos que viviam arte drag, sobre essa questão de performar a feminilidade, a questão do preconceito também de quando elas estavam montadas. Interlocutor 04.

Apesar do preceito acolhedor é possível observar algumas restrições de perfis nas partidas, especialmente de pessoas com viés político de direita/conservador. O interlocutor 01 relata que *“já houveram pessoas em que todo mundo não queria que estivesse ali e ela entrou e jogou pacificamente com todos nós”*.

Ele não deve ter percebido, mas complementou que *“mesmo a maior parte das pessoas torcendo o nariz pra aquela pessoa por questões políticas, se eu não me engano. Era uma bicha bolsonarista, ninguém queria que ela estivesse ali, mas ela entrou, jogou”*, ou seja, há um perfil para aceitação de pessoas nos jogos. Sendo compreensível a resistência para aceitação de pessoas com pensamentos conservadores nas partidas, considerando que os grupos foram pensados para que todos os participantes se sintam acolhidos, mas tamanha restrição não deixa de configurar uma aparente controvérsia.

A partir de situações controvertidas como essas que buscamos no imaginário social a construção performática da comunidade LBGTQIAPN+ como um oásis de igualdade, fragilidade e união, porém não é bem assim. Segundo Butler (apud Silva; 1999), a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das ideias hegemônicas. Para o Interlocutor 09, o destaque está no caráter lúdico e receptivo da brincadeira, pois a gaymada *“é para todo mundo. Na verdade, o jogo, né? O esporte é um lugar de acolhimento. A gente acredita nisso. Então todo mundo pode brincar sem restrição. Pode brincar à vontade. Chegar, fazer amizade e entrar no jogo”*.

Importante levantar a discussão a respeito da função destes espaços, conforme os modelos urbanos mais usuais em Boa Vista, os espaços de lazer são pensados para públicos específicos, priorizando certos grupos em detrimento de outros. Na Amoca nunca houve situações de violência explícita, a luta pelo local sempre ocorreu por força da ocupação, chegar cedo, utilizar toda a quadra, às vezes até a combinação de horários era possível, a polícia nunca abordou qualquer dos participantes.

É de se observar que as modalidades esportivas específicas planejadas para ocorrer na Amoca figuram no imaginário social que os habitantes de áreas nobres tenham mais interesse por esportes menos populares como tênis e basquete, já na Germano Augusto, observa-se a prevalência de quadras de futebol, não se sabe se tais aparelhos públicos levaram em consideração a frequência ou preferência das populações locais para que tais modalidades fossem privilegiadas ou atribuídas aos locais onde foram distribuídas.

O que acontece com as outras modalidades não abarcadas por esses equipamentos públicos? Será possível que questões como o gênero ou a sexualidade impactem a distribuição de aparelhos esportivos nas cidades? O questionamento é válido quando observamos que dominam nas praças, principalmente periféricas, a ocorrência de campos de futebol como resultado da demografia do local?

Portanto, é importante para a comunidade LGBTQIAPN+, nesse momento de ocupação, que esses indivíduos se expressem em sua forma plena, visto que estão em um ambiente receptivo para que se manifestem da maneira que são e tais expressões se dão em diversos momentos e formas durante as partidas.

A performance na Gaymada

Turner (2012) traz grande contribuição sobre os estudos da performance e da experiência, principalmente no que concerne a performatividade de gênero:

A performance dá forma à experiência, uma vez que esta se constitui por fases que associam emoções mobilizadas no momento presente às memórias de experiências passadas, articulando-as e renovando-as. Esse encadeamento possibilita novas interpretações do mundo social, permitindo ao próprio sujeito e ao grupo assimilar aspectos da realidade e também do desconhecido, o que viabiliza transformações. (Turner, 2012)

A performance constitui o gênero, o que é considerado características masculinas ou femininas são externadas por nossas falas, roupas, trejeitos e são baseadas

em nossas experiências. A vivência em uma sociedade muitas vezes hostil e quase sempre opressora causa aos indivíduos que fogem à normativa, vivências marcadas por retração, e supressão de suas identidades, encontrar espaços livres e seguros não é tarefa fácil, principalmente quando não conhecemos todos os presentes, quem poderia garantir a segurança necessária para isso?!

Ao observar tais grupos, pude constatar que a Gaymada oferece liberdade para se expressar sem julgamentos e assim é feito, o ato de arremessar a bola, por exemplo, com um giro para atingir o adversário torna-se um evento performático com malabarismos, danças e muita desenvoltura, incluindo espacates, deboche e muita feminilidade, como afirma o Interlocutor 01 “*ser boiola até ajudava*” na queimada, pois ele “*fazia abertura, dava estrelinha, dava o meu nome na queimada*”.

O ato de desviar da bola pode gerar a maior comoção entre os participantes, visto que quase sempre envolvem habilidades quase acrobáticas, passos de *voguing*⁵ são constantes, ou ao menos tentativas, gritos, vaias e xingamentos dão ânimo às torcidas que dominam o ambiente. Segundo Dawsey (2005):

De modo análogo aos rituais de passagem (fenômenos liminares), as artes ocidentais seriam ocorrências “liminóides” que, ainda que não cheguem a abalar a estrutura social, interrompem o curso do cotidiano, propiciando aos sujeitos distanciarem-se de papéis normativos, repensem a estrutura social ou mesmo refazê-la. (Dawsey, 2005)

As performances da Gaymada em muito se assemelham a um ritual, ou melhor, a uma ocorrência liminóide, visto que os sujeitos se distanciam de seus papéis normativos para expressarem-se verdadeiramente por meio do esporte, onde seus movimentos são livres para expressar a feminilidade/masculinidade e a comunicação oral, geralmente marcada por um dialeto próprio da comunidade LGBTQIAPN+, o famoso “*pajubá*”, “*uma regra clara é... Não deitar. Não deita. É uma expressão que dá pra entender. Tipo, ‘mana, não deita’. Não entrega, não vacila*”, Interlocutora 06.

Importante destacar que todas essas expressões acontecem em um ambiente nunca pensado para tais indivíduos, evidenciando o quão forte e desafiador é a ocupação

⁵ Inspirado pela revista Vogue, o voguing é caracterizado por poses semelhantes a das modelos integradas com movimentos angulares e lineares de braços, pernas e tronco. Este estilo de dança surgiu nas festas chamadas “Ballrooms” (bailes) no Harlem, em Nova York, por afro-americanos no início dos anos 1960. Originalmente chamada de “apresentação” e mais tarde “performance”, ao longo dos anos, a dança evoluiu para uma formato mais complexo e ilusório que então passou a ser chamada de “vogue”. O voguing é continuamente desenvolvido como uma forma de dança estabelecida que é praticada na cena gay em festas e clubes de grandes cidades em todo os Estados Unidos, mas principalmente em Nova York. (Carvalho, 2023).

de tais espaços, não seria nenhum exagero afirmar que tal evento performático é um ato político que vai de encontro com as convenções sociais pré-estabelecidas.

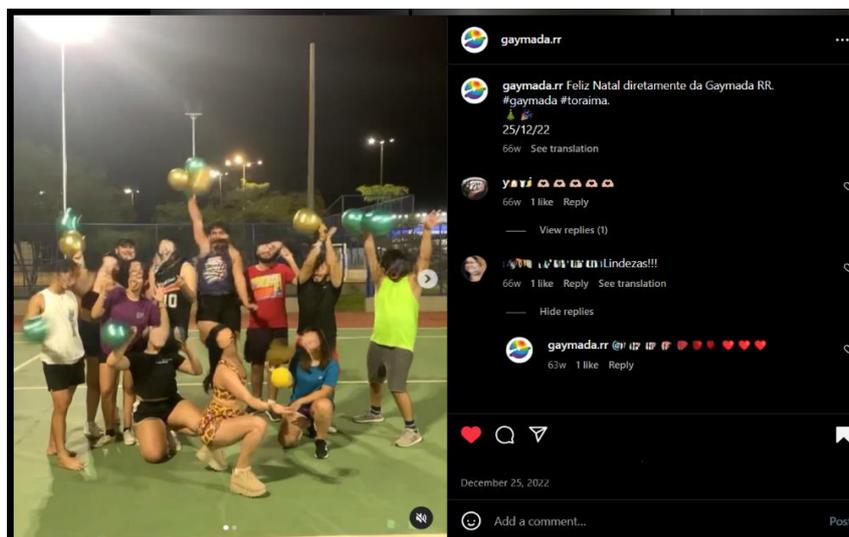
A gaymada evidencia-se como um fenômeno liminóide, visto que emerge de uma experiência coletiva, desenvolve-se às margens dos processos centrais da economia e política, trata-se de uma manifestação plural, fragmentária e experimental. Dawsey (2005) afirma:

Fenômenos liminóides tendem a apresentar características mais idiossincráticas, associando-se a indivíduos e grupos específicos que frequentemente competem num mercado do lazer, ou de bens simbólicos. Nesse caso, as dimensões “pessoais e psicológicas” dos símbolos têm preponderância sobre as dimensões “objetivas e sociais”. (Dawsey, 2005)

Com base nisso, é possível afirmar o caráter performático e as implicações políticas que a gaymada exerce no cotidiano não só dos indivíduos que participam das partidas, mas também dos transeuntes que ao caminharem despreziosamente pelas praças, vão ao encontro e observam gays performando feminilidade sem qualquer pudor.

Terceiros também são alcançados nas redes sociais por meio de postagens dos grupos on-line e páginas como *Instagram*, deixando comentários de admiração, apoio e encorajamento:

IMAGEM 03 – Print de postagem no *Instagram* da GC.



FONTE: Instagram.

A necessidade de compreendermos as questões sobre o gênero está na formação de nossa subjetividade, uma vez que a subjetividade está ligada ao que somos, ou seja, à

nossa identidade. A nossa identidade de gênero e orientação sexual constituem a nossa subjetividade ou identidade e como nos relacionamos com a sociedade, com a família e nas relações interpessoais. Não nascemos determinados ou prontos. A educação, seja ela familiar ou acadêmica, e a cultura também têm papel determinante na formação de nossa subjetividade.

As mulheres cis e trans na Gaymada

Butler (2018) afirma que o corpo não seria natural, ele é construído de acordo com a educação que recebemos. Fundamento que Mauss (2008) já discutia em suas pesquisas, pois não há nada de natural no corpo, estando condicionado a fatores como o gênero. É possível observar que a gaymada é uma manifestação performática e técnica do corpo:

Nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com técnicas do corpo. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como "diversos" desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la. (Mauss, p. 407, 2018).

Butler evidencia a questão política no gênero na possibilidade de subverter os gêneros “inteligíveis”, desestabilizando o *status quo* da questão de gênero:

Gêneros “inteligíveis”, são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (Butler, 2018)

Essa manifestação do desejo sexual, estando ligadas às expressões ligadas ao sexo biológico ou não, ou seja, em manter ou romper com a continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, é o que Butler denomina de performativo:

Entretanto, se os atributos de gênero não são expressivos, mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos de gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora (Butler, 2018).

Na gaymada, o conceito de performance de gênero é um dos elementos chave na construção do jogo, uma vez que o espaço heteronormativo é praticamente suspenso pela representação e apresentação da feminilidade dos participantes que expressam suas características que outrora seriam consideradas propriamente masculinas ou femininas:

Além do performativo, Butler usa também o conceito de performance, sobretudo aplicado às drags queens que performam o gênero, com efeito paródico de qualquer gênero. A performance é uma realização mais individual, enquanto o performativo é uma noção aplicada ao discurso coletivo que constrói os gêneros. Butler reconhece que nem toda paródia é subversiva, ou seja, é preciso indagar que tipo de relação se estabelece entre produtor e receptor, entre performer e público, a fim de perceber se a paródia tem efeitos disruptivos ou se ela é totalmente domesticada. (Figueiredo, 2018)

E os discursos individuais onde são ao mesmo tempo identitários com um efeito performativo, onde as mulheres trans dentro da gaymada ocupam um espaço que antes lhes era negado devido ao preconceito e que é algo que gera um certo estranhamento por estarem em praças públicas à luz do dia.

Diante da naturalização da visão binária de gênero resultou o que vivemos hoje, dados alarmantes de violência que motivam a desconstrução desse ideal vivido no Brasil e em tantos países do globo, mas que nos faz ocupar o primeiro lugar em número de assassinato de pessoas transexuais no mundo⁶, semelhante aos índices de violência contra a mulher⁷, com um alto número de mulheres mortas em aparente atitude de feminicídio. Nas partidas, é possível observar nuances da violência de gênero, mesmo que sutis, mesmo que não percebidas pela maioria, pois ocorrem de forma despretensiosa.

São exemplos disso deixarem as mulheres por último no momento de divisão dos times ou quando apontadas diretamente por meio de comentários como “*ela não dura nada*”, “*não aguenta, não joga*”, até podem ser descredibilizadas pelo argumento de que não houve a intenção de ofensa, pois a violência partiu de uma pessoa LGBTQIAPN+, podem também ser suprimidas pela máxima de que as regras do jogo exprimem por si só uma suposta superioridade física de um gênero sobre o outro.

A necessidade de se criar um momento para refletir sobre o papel das mulheres dentro da gaymada se deve ao fato do acréscimo de discursos feministas ao longo do

⁶ Revista docência e cibercultura. O país que mais mata trans pelo 15º ano: Brasil! A Geografia na produção do conhecimento e a coleta de dados de 2023. Sayonara Naider Bonfim Nogueira. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1764> >. Acesso em 08/02/2024.

⁷ Agência Brasil. A cada 24 horas, ao menos oito mulheres são vítimas de violência. Ana Cristina Campos. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia> >. Acesso em 08/04/2024.

processo do jogo, lembro-me de situações na Gaymada do Centro onde após serem atingidas com força, protestavam contra a agressividade chamando a atenção de todos. Motivado justamente pela problemática envolvendo o comportamento machista de alguns jogadores homens em relação às mulheres do grupo. Esse comportamento machista se deve ao fato de muitos acreditarem que a gaymada seria feita exclusivamente para homens gays e que as mulheres cis e trans não deveriam participar.

É possível também discutir sobre situações que podem ser consideradas com algum grau de violência de gênero. Por conta da maior quantidade de participantes homens cisgênero, a força é desproporcional entre eles e as mulheres cis e transexuais. Situações de preconceitos sofridos pela comunidade LGBTQIAPN+ acabam em algum nível sendo replicadas durante as partidas, esse tópico foi abordado pelo Interlocutor 04:

O meu processo de identificação quanto à bissexualidade foi um processo bem estranho, acho que para todo bissexual é assim. E isso também reflete muito na maneira como eu me identifico dentro do cenário LGBT, porque dentro do cenário LGBT você ouve muito falar sobre a letra G, sobre a letra T só sobre notícias ruins, e as outras letras meio que às vezes tem uma certa dificuldade de se encaixar, apesar da letra L estar desde o início de tudo, ter apoiado o movimento para que o movimento seja o que ele é hoje, a gente sabe que existe pouca visibilidade, isso é consequência do machismo também. E isso também reflete na maneira como às vezes a gente se percebe dentro de alguns espaços que convivem LGBTs de forma grupal. Ainda que a gente seja uma minoria, de alguma forma, os outros recortes acabam se encaixando. [...]Levamos algumas amigas nossas que são lésbicas e dentro desse período houveram alguns recortes em relação onde vejo um pouco de machismo, um pouco de como às vezes até o próprio meio gay normaliza certas violências, certas agressões, às vezes verbais, às vezes físicas. Até pelo fato de gay, independente da orientação, ele continua sendo homem. Então, às vezes a questão do machismo acabava entrando sobre você ler uma mulher lésbica como fraca por ela ser mulher. Então dentro do próprio jogo a gente acabava em alguns momentos debatendo sobre; sobre até onde a força que ele utilizou para jogar a bola e acertou uma menina foi intencional, não foi intencional, até onde ele conseguiu ler a fragilidade dela naquele processo enquanto porque machucou, ou então porque ela é mulher, “não joguem a bola dessa forma em mulher”. Quando, na verdade, era para ser um jogo onde a bola deveria ser jogada numa intensidade que fosse para se divertir, não para machucar. E até onde também as pessoas que se machucavam conseguiam normalizar essa questão de se machucou, até onde eu devo verbalizar porque eu sou homem, ou então porque eu quero ser lido como uma pessoa que não é afeminada, então eu tenho que segurar essa dor.

Pude observar que em ambos os grupos ocorreram manifestações machistas, misóginas e/ou transfóbicas. Arremessar a bola com força era constantemente reprimido na Gaymada do Centro, já na Gaymada do Pintolândia, apesar de não haver consenso verbal sobre a força, foi possível observar que as poucas mulheres cisgênero que se atreviam a jogar, eram rapidamente atingidas ou desistiam. A interlocutora 06, mulher trans, também discorreu sobre certo receio da força com que a bola era arremessada:

Só que quando eu estou no jogo, é uma outra experiência, entendeu? Uma outra experiência muito longe do que é dentro de uma universidade. A maneira de falar, do jeito que a gente conversa, do jeito que a gente zomba. Aquela maneira de expressar a violência no jogo, sabe? A maneira de você jogar a bola. [...] Bom, em relação a algumas coisas. É só em relação a própria força. Porque eu acho que é isso que diferencia da queimada do outro lado. Do outro lado da cidade, né? Porque ali é uma coisa muito mais violenta, assim. É muito mais da bolada mesmo. E já chegou a atingir a minha costa e doeu bastante. Isso é um ponto, assim, que eu acho que no outro, a diferença, é essa questão da força que você usa. No outro lado, onde a gente joga é cada um por si, mas de alguma forma grupal também. Interlocutora 06.

Com base neste relato, é possível observar uma certa hierarquia e desigualdade no sentido de uma “normalização discursiva” (Foucault, 2004) – reproduzidas em um grupo composto principalmente por homens gays. Foucault (2014) mostra como a sexualidade foi silenciada, contida e reprimida ao longo dos tempos.

A “heteronormatividade misógina” (Carvalho, 2012), reproduzida principalmente a partir da “epistemologia do armário” (Sedwick, 1991, apud Grohmann, 2016) é exercida por homens gays ou bissexuais como uma forma de invisibilizar suas sexualidades para serem respeitados e/ou aceitos pela sociedade. Segundo Bourdieu (2014), “alega-se, então, explicitamente a ‘discrição’ ou a dissimulação a que ele é ordinariamente obrigado a se impor”.

Com isso, nessa “heteronormatividade misógina”, as masculinidades e o masculino são colocados como positivos enquanto as feminilidades e o feminino são vistos como negativos. Ou seja, há a reprodução de hierarquias de gênero – colocando o masculino como sempre positivado, em detrimento do feminino, que é negativado, sendo evidente principalmente em diversos comentários que podem ser considerados transfóbicos ditos no decorrer do jogo para “gongar/jogar shade”⁸.

Há esse enaltecimento do homem em detrimento da mulher, criando desigualdades entre ambos e hierarquizando os sexos que damos o nome de machismo. Tiburi (2018, p. 39) afirma que a associação da mulher ao negativo, quando se transforma em um discurso de ódio contra esta, engendra a chamada misoginia, ou seja, a repulsa, a aversão à mulher. Assim, tal dever-ser construído foi sendo vinculado ao biológico, naturalizado, normalizado como se sempre tivesse existido:

A naturalização do feminino como pertencente a uma suposta fragilidade do corpo da mulher e a naturalização da masculinidade como estando inscrita no corpo forte do

⁸ Gongar (jogar shade) – V. 1. Humilhar. 2. Curtir com a cara de alguém, tirar sarro, zoar. “Pessoas que só sabem gongar os outros são estranhas”. (Rodrigues, Paulo Ricardo Aires; Andrade, Karylleila dos Santos. Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense / organizadores: Paulo Ricardo Aires Rodrigues e Karylleila dos Santos Andrade. São Carlos, 2023).

homem fazem parte das tecnologias de gênero [...] que normatizam condutas de mulheres e de homens (Saffioti, p. 81, 2015).

E essa separação de identidades aos poucos foi atribuindo poder ao homem ao longo do desenvolvimento da sociedade de classes, em detrimento da mulher. Tanto que o poder, a potência, foram associados ao falo e à virilidade por anos (Mott, 2015, p. 20).

Após finalizar a gravação conversando com os Interlocutores 08 e 09 foi possível descobrir que integrantes do grupo já foram roubados na Praça Germano Augusto, em outra situação, a violência partiu das forças de segurança pública, quando foram expulsos da quadra sem motivação aparente, e sem qualquer possibilidade de argumentação, não há como não supor que tais situações tenham ocorrido por conta da sexualidade, cor e também pela classe social dos participantes.

Ocorrências de violências mesmo neste ambiente dito “seguro” remetem a condições que as mulheres trans e cisgênero estão submetidas em seu cotidiano, tais como salários inferiores aos homens, jornadas exaustivas de trabalho, mulheres trans com expectativa de vida inferior aos de mulheres cis, aos índices de violências doméstica e ou preconceito, discursos em valorização da vida e igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014;

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República;

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;

CAMARGO, Wagner Xavier. RIAL, Carmen Silvia de Moraes. **Esporte LGBT e Condição Pós-Moderna: notas antropológicas**. Publicado em Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v.10, n.97, p. 271-289, jul./dez. 2009;

CAMPOS, Ana Cristina. Agência Brasil. **A cada 24 horas, ao menos oito mulheres são vítimas de violência**. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia> >. Acesso em 08/04/2024;

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Jornalismo, Homofobia e Relações de Gênero**. Curitiba: Appris, 2012;

CARVALHO, Laila Souza de. **Afrofuturismo na encruzilhada: usos e sentidos de tecnologias ancestrais diaspóricas**. São Cristóvão/SE, UFSE, 2023;

DAWSEY, John C. **Victor Turner e a Antropologia da Experiência**. 2005;

FIGUEIREDO, Eurídice. **Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler**. 2018;

- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014;
- GROHMANN, Rafael. **Não sou/não curto: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr**. In *Sessões do Imaginário*. Porto Alegre, 2016;
- GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998;
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. COSAC NAIFY. 3ª Reimpressão, São Paulo, 2008;
- MOTT, Luiz. **Anti-homossexualidade: A gênese da homofobia**. In *Revista de Estudos de Cultura*, Universidade Federal de Sergipe, 2015;
- NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. Revista docência e cibercultura. **O país que mais mata trans pelo 15º ano: Brasil! A Geografia na produção do conhecimento e a coleta de dados de 2023**. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1764> >. Acesso em 08/02/2024;
- OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. 6ª Edição. Editora Vozes. 2007;
- OPAS, OMS. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: < <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> >. Acesso em 06/02/2024;
- Rodrigues, Paulo Ricardo Aires; Andrade, Karylleila dos Santos. **Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense** / organizadores: Paulo Ricardo Aires Rodrigues e Karylleila dos Santos Andrade. São Carlos, 2023;
- RUBIN, Gayle S.- **Pensando sobre sexo**. 1984;
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão popular e Perseu Abramo, 2015;
- SCOTT, Joan W. **Usos e Abusos do gênero**. 2014;
- SILVA, José Fábio Barbosa da. **Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário**. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005;
- Silva, Tomas Tadeu da. (org.); Stuart Hall; Kathryn Woodward. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15ª Edição. Vozes. Petrópolis/Rio de Janeiro, 2014;
- TELLES, Vera da Silva. **Direitos Sociais: afinal do que se trata?** Revista USP, São Paulo, 1998;
- TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**. 6ª Ed. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018;
- TURNER, Victor. **Liminal ao liminoide: em brincadeira, fluxo e ritual - um ensaio de simbologia comparativa**. 2012;
- ZAMBONI, Marcio. **Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, São Paulo, 2014.